

O dono do mundo

ZAIMAN DE BRITO FRANCO

Naquele tempo os bondes rangiam romantismo pelas ruas estreitas de Campinas. Godê, Santo Antonio, Bota, Arlindo, jogavam pelo Guarani. Ciasca, Bruninho, Isabelino, Lelé, Isaldo, pela Ponte Preta.

A Casa Livro Azul era charmosa, a tabacaria Bianchi era fascinante, o Bar Rosário - incrível - ficava no Largo do Rosário. Carabina comandava o carnaval na Escola de samba Princesa D'Oeste. Lombardi neto conversava com Campinas através da Hora do Trabalhador. Geraldo Sussulini encantava as mocinhas com o 'Ouvinte, você é quem manda'. Orlando Silva e Silvio caldas reinavam - Chico Alves tinha morrido na Dutra. Mas Gilberto

Alves, seresteiro do time intermediário, tinha admiradores em todo o Brasil.

Lelé, ex-Seleção, ex-Vasco, ex- São Paulo, tinha carrão importado, era o dono das ruas, das noites, das paixões.

As rádios anunciaram Gilberto Alves, a partir das 8 da noite no Teatro Municipal. O público lotou todas as dependências, da galeria aos camarotes.

Mais de 10 e nada do cantor. Que chegou, tímido, sem graça ante a ameaça de vaia. Pegou o microfone e justificou:

- Desculpem. Cheguei em Campinas no horário, mas fui fazer uma visitinha pro meu amigo Lelé. Ele me levou por aí e eu me atrasei.

A vaia virou aplauso - porque Lelé era ídolo da cidade. O dono das ruas, de carrão azul, conversível. O dono das paixões - pois, sabem todos, ainda não nasceu pontepretano sem paixão.